



Anais da 7 Semana de Letras Letras à Margem

22 a 26 de setembro de 2014 – ISSN: 2176 – 7858

O REALISMO MÁGICO NA LITERATURA LATINO-AMERICANA: UMA ANÁLISE DO
CONTO “CONTINUIDAD DE LOS PARQUES”, DE JULIO CORTÁZAR.

Elaine Helena dos Santos Lima¹

José Flávio Cassiano dos Santos²

Prof^a. Dra. Laurenny Lourenço³

RESUMO

O escritor Julio Cortázar, contemporâneo de um período da literatura latina conhecida como *Boom*, leva-nos, por meio de um grande suspense, a pensar até que ponto torna-se possível o leitor entrar na ficção. Em *Continuidad de los Parques*, o leitor é diretamente afetado pela história, sua realidade torna-se também um dos parques, tema do próprio conto. Assim como outros autores desta mesma época, Julio Cortázar adota em suas obras o que ficou conhecido como realismo mágico ou fantástico. O conto em análise é um dos mais estudados por críticos literários e amantes da literatura em geral. Trata-se de um conto que discorre sobre uma novela e ao final o leitor-personagem (aquele que no conto faz a leitura de uma novela) torna-

¹Aluna de Letras-Espanhol pela Universidade Federal de Alagoas. Professora de língua espanhola no projeto Casas de Cultura no Campus, pela Universidade Federal de Alagoas - Ufal.

²Aluno de Letras-Espanhol pela Universidade Federal de Alagoas. Professor de língua espanhola no projeto Casas de Cultura no Campus, pela Universidade Federal de Alagoas – Ufal.

³Orientadora: Professora de Literatura em Língua Espanhola na Fale/Ufal; Mestre em Estudos Literários pela UFMG, área de concentração em Teoria Literária, e Doutora em Estudos Literários pela Ufal, linha de pesquisa em Literatura, Cultura e Sociedade.

se participante direto desta novela. *Continuidad de los Parques* mezcla ficção e realidade e apresenta um carácter misterioso e inquietante sobre o enredo, o que põe nossa própria condição de leitor como participante direto da história, uma vez que, atribuímos vários e possíveis desfecho à história.

Palavras-chave: América Latina. Realismo Mágico. Ficção.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre sobre o realismo mágico ou fantástico, uma tendência literária predominante no período do *boom* latino-americano. Dentre os grandes representantes desta época dirigimo-nos, exclusivamente, ao escritor Julio Cortázar em seu conto "*Continuidad de los Parques*". Abordaremos também, sobre os conceitos de metaficção e minificção. Trataremos sobre o mistério, as incertezas: o mágico.

Uma das peculiaridades do Autor Julio Cortázar concentra-se no tempo e espaço da narrativa. O autor oscila entre o real e o fantástico. Uma das características presente é o descompromisso com o temporal/espacial, recurso que leva o leitor para fora do espaço, até então descrito, e o transporta a lugares e tempos inesperados. O conto *Continuidad de los parques*, apesar de ser um conto relativamente curto, reúne traços fortes e marcantes do estilo do autor.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre certos aspectos da narrativa, tais como o tempo, as personagens, o enredo, as vozes, os parques, etc. e como estas características presentes em Cortázar o aproximam desta estética literária, já citada acima, denominada realismo mágico ou fantástico. Para tanto, fundamentaremos nossa análise em Zavala (2006).

2. O BOOM LITERÁRIO NA AMÉRICA LATINA

A partir dos anos de 1960 a América Latina vivia grandes inovações literárias período em que houve uma explosão de escritores e obras em grande escala. Talvez, para nomear essa multiplicidade, a palavra que representava todo esse significado, embora de origem inglesa, seria: *Boom*. Esse fenômeno literário, denominado *Boom*, ocorria simultaneamente em

diversos países, algo bastante inovador à época se comparado às produções e publicações anteriores. As narrativas do *Boom* latino-americano passaram a adotar um estilo literário baseado na fantasia, no mágico e no maravilhoso.

Os autores apresentavam a preocupação pelo social, pelo político e em denunciar as injustiças da época e os problemas que afetavam o homem contemporâneo, mas, não de maneira descritiva, e sim através do mágico, do fantástico. Esta forma de expressar tornou-se uma característica identitária da literatura latina. Tatiana Bensa afirma que a literatura do *Boom* eclodiu em um contexto que o político se amalgama com o literário. As características dessa estética tornou-se um veículo da reivindicação popular. Bensa apresenta-a como uma nova definição do ser latino-americano. De acordo com a autora, a literatura se renova como consequência dos acontecimentos histórico-sociais e o *Boom* é um reflexo disto (BENSA, 2005 p.87).

3. JULIO CORTÁZAR E O REALISMO MÁGICO

Júlio Cortázar Nasceu na Bélgica em 1914 e morreu em 1984 em Paris. Sua família refugiou-se na Suíça durante a Primeira Guerra Mundial até o ano de 1918, a partir desta data, regressaram a Buenos Aires. Filho de pais argentinos, o autor se naturalizou Argentino. Foi professor na Argentina e trabalhou como tradutor para a UNESCO. Autor de novelas, contos e poesias, reconhecido como narrador a nível internacional se tornou uma das principais figuras do *Boom* latino americano. Suas obras apresentam e exploram o Realismo Mágico. Embora, o maior destaque de Cortázar e sua grande intitulação como pertencente a estética literária do realismo mágico estivesse relacionado à sua novela *Rayuela*, assim como o que caracterizou Gabriel García Marquez como pertencente a esta mesma estética fora sua obra *Cien años de soledad*, os contos, também, representam em ambos os autores, traços fortes desta tendência.

Uma das principais características do realismo mágico presente em Cortázar concentra-se nos nuances da narrativa. É a oscilação do real e fictício, que ao final da história traz uma forte inquietação ao leitor: será ou não verdade? Ou o que seria de fato a verdade? Perguntas que atribui as suas obras uma grande veracidade literária. A literatura também se associa a dúvidas, reflexão e, não exclusivamente, um manual que resolve, ensina e soluciona todos os problemas. A literatura não tem compromisso exclusivo em mostrar ou descrever o real. Ela pode apropriar-se do real, do social, como meio de inspiração do autor, mas, com

seus traços particulares e a própria seleção da linguagem, transforma-se em arte/forma e como arte, seu compromisso com a realidade é praticamente a verossimilhança. Nesta linha de defesa, cada autor se apropriará das diversas condições e fatores: sociais, históricos, psicológicos, etc., na construção de sua arte. O resultado desta produção, a reação de sua arte, sempre será percebida pelo autor, incluso se lhe faltar esta reação (CÂNDIDO, pag. 87).

O realismo mágico, embora se inspire em traços da realidade sua principal característica, como literatura, é trazer uma realidade que desconcerta, inquieta, confunde-a com ficção; característica particular da literatura fantástica.

El realismo mágico es el modo de presentar una realidad que es peculiar y desconcertante. Este recurso reúne en sí dos ideas antagónicas, en él confluyen el modo de lo racional, de lo objetivo con el mundo de lo irracional y lo fantástico (BENSA, 2005, p. 90).

Nas obras de Julio Cortázar, o realismo aparece como uma forma de expressar os limites do ser humano, suas inquietações. Estes aspectos se consodificam na velocidade da narrativa, na subversão na ordem na narrativa, na quebra da linearidade, na capacidade do leitor transformar-se em personagem do enredo e a ficção misturar-se a sua própria realidade.

4. ANÁLISE DO CORPUS: CONTO *CONTINUIDAD DE LOS PARQUES*

O termo ficção é utilizado para designar a uma narrativa que não retrata acontecimentos reais, em outras palavras: obras de arte criadas a partir da imaginação. Segundo Zavala *Continuidad de los Parques*, obra de Cortázar, é simultaneamente a minificção e a metaficção mais estudada na história universal (ZAVALA, 2006, p.192). Trata-se de uma metaficção pelo fato de ser uma narrativa ficcional que tematiza o próprio processo da escrita literária, e de uma minificção por se referir a um texto literário marcado pela brevidade na escrita.

La minificción puede adoptar diversas formas. Puede ser un minicuento (es decir, una narración brevísima con las características del cuento clásico) [...] También puede ser un microrelato (una narración brevísima con las características del relato moderno) como el caso de algunos textos de Julio Cortázar [...] (ZAVALA, 2006, p. 8).

Para Reichmann, na meta ficção o autor manipulador se torna uma posição a ser preenchida, uma presença a ser inferida pelo leitor. Segundo a mesma autora o papel do leitor deixa de ser uma tarefa fácil, confortável e harmoniosa; o leitor, atacado de todos os lados pelo texto literário autoconsciente, passa a ser levado a controlar, a organizar e a interpretar esse texto.

A metaficção tende, sobretudo, a brincar com as possibilidades de significado e de forma, demonstrando uma intensa autoconsciência em relação à produção artística e ao papel a ser desempenhado pelo leitor que, convidado a adentrar tanto o espaço literário quanto o espaço evocado pelo romance, participa assim de sua produção (REICHMANN, 1984, p.1).

Zavala afirma que o conto *Continuidad de los parques* possui um enredo, que por sua qualidade literária, assemelha-se a um relato policial.

“Continuidad de los parques” contiene las diversas formas de alusión paródica al cuento policiano, no sólo en relación con las reglas genéricas [...] sino al subvertir la lógica del relato policiaco. La conclusión del cuento, en lugar de mostrar una verdad, multiplica las incertidumbres (Zavala 2006, p. 98).

O primeiro parágrafo do conto apresenta duas histórias: primeiro, a história e/ou enredo com uma personagem, fato que identificamos enquanto leitores da obra. Segundo, a história que é lida pela personagem do enredo. No segundo parágrafo, tem-se a fusão destas duas ficções. O conto narrado em terceira pessoa inicia mostrando que o personagem tinha começado a ler um livro de romance, uma novela, uns dias antes e que tinha abandonado a

leitura por motivos urgentes. Depois de discutir com seu mordomo voltou a lê-lo, tranquilamente, sentado em uma cadeira de veludo verde, de costas para a porta deixando-se envolver pela leitura:

Había empezado a leer la novela unos días antes. La abandonó por negocios urgentes, volvió a abrirla cuando regresaba en tren a la finca; se dejaba interesar lentamente por la trama, por el dibujo de los personajes. Esa tarde, después de escribir una carta a su apoderado y discutir con el mayordomo una cuestión de aparcerías volvió al libro en la tranquilidad del estudio que miraba hacia el parque de los robles. Arrellanado en su sillón favorito de espaldas a la puerta que lo hubiera molestado como una irritante posibilidad de intrusiones, dejó que su mano izquierda acariciara una y otra vez el terciopelo verde y se puso a leer los últimos capítulos. (CORTÁRZAR, 1996, p.2)

Neste fragmento do conto a leitura apresenta-se como posterior a outras atividades. O homem, personagem da história, supostamente um homem rico, uma vez que possui mordomo e uma casa cercada por parque, apenas debruça-se sobre a leitura após resolver seus problemas pessoais, primeiro após um dia de trabalho, depois como uma forma de tranquilizar-se devido à despedida do mordomo. Fato que aproxima a realidade do leitor com a personagem da história. No mundo real, geralmente, começamos uma boa leitura quando estamos livres de determinadas atividades. Ao explicar sobre sua própria obra Cortázar apresenta a relação: leitor X texto literário. Podem-se observar a partir da análise do conto os conceitos de “*lector hembra*”, em que o autor ao tratar sobre sua novela *Rayuela*, apresenta características particulares a certos tipos de leitores, inclusive, reforça esses conceitos em uma entrevista realizada em um verão de 1976 na França.

Em *Continuidad de los parques*, podemos assim identificar, o leitor da novela (leitor-personagem) como “*lector hembra*”, esse término para se referir ao leitor passivo, que não se compromete com a leitura e que se deixa envolver-se por ela, o tipo de leitor que lê para evadir-se. Para Cortázar um bom leitor não é aquele que ler sem compromisso, que desconhece o significado de ficção, mas, o ser ativo e que se torna um coautor, por isso, a partir de suas experiências pessoais com a leitura atribui este conceito de “*lector hembra*” ao leitor que desconhece determinados aspectos durante a leitura (CORTÁZAR, 1976, p. 364-366).

No fragmento que segue é perceptível todo este desapego da personagem para com seu mundo “real”. Despreocupado o homem senta em uma cadeira de veludo, não qualquer cadeira ou qualquer cor, mas, especificamente a poltrona de veludo; macia, confortável, na cor verde. Dentre outros possíveis significados a cor verde pode representar a força militar que durante a ditadura esteve numa posição confortável, mas, passado este período os novos contextos históricos sociais, estimulados pela literatura, cobrara que a força militar pudesse sentir e viver as angústias da população. O conto prossegue:

Su memoria retenía sin esfuerzo los nombres y las imágenes de los protagonistas; la ilusión novelesca lo ganó casi en seguida. Gozaba del placer casi perverso de irse desgajando línea a línea de lo que lo rodeaba, y sentir a la vez que su cabeza descansaba cómodamente en el terciopelo del alto respaldo, que los cigarrillos seguían al alcance de la mano, que más allá de los ventanales danzaba el aire del atardecer bajo los robles. Palabra a palabra, absorbido por la sórdida disyuntiva de los héroes, dejándose ir hacia las imágenes que se concertaban y adquirían color y movimiento, fue testigo del último encuentro en la cabaña del monte. Primero entraba la mujer, recelosa; ahora llegaba el amante, lastimada la cara por el chicotazo de una rama. Admirablemente restallaba ella la sangre con sus besos, pero él rechazaba las caricias, no había venido para repetir las ceremonias de una pasión secreta, protegida por un mundo de hojas secas y senderos furtivos. El puñal se entibiaba contra su pecho, y debajo latía la libertad agazapada. Un diálogo anhelante corría por las páginas como un arroyo de serpientes, y se sentía que todo estaba decidido desde siempre. Hasta esas caricias que enredaban el cuerpo del amante como queriendo retenerlo y disuadirlo, dibujaban abominablemente la figura de otro cuerpo que era necesario destruir. Nada había sido olvidado: coartadas, azares, posibles errores. A partir de esa hora cada instante tenía su empleo minuciosamente atribuido. El doble repaso despiadado se interrumpía apenas para que una mano acariciara una mejilla. Empezaba a anochecer. (CORTÁRZA, 1996, p. 2)

Neste fragmento, observa-se a presença de três tempos distintos: primeiro tempo - aquele que se atribui a nós, enquanto leitores; segundo tempo - aquele que se atribui ao personagem-leitor do enredo, do qual lemos; terceiro tempo - aquele que se atribui a história que é lida pelo homem; personagem-leitor. A personagem, o homem leitor, adentra no mundo da ficção e confundi-se com as personagens que lê. Os três tempos, aparentemente distintos, se homogeneízam, ou seja, quando a personagem, o homem leitor, está quase no fim da leitura

da novela; já está anoitecendo. O conto prossegue e no segundo parágrafo faz-se presente a evasão, a ficção invadi a realidade do leitor-personagem.

Sin mirarse ya, atados rígidamente a la tarea que los esperaba, se separaron en la puerta de la cabaña. Ella debía seguir por la senda que iba al norte. Desde la senda opuesta él se volvió un instante para verla correr con el pelo suelto. Corrió a su vez, parapetándose en los árboles y los setos, hasta distinguir en la bruma malva del crepúsculo la alameda que llevaba a la casa. Los perros no debían ladrar, y no ladraron. El mayordomo no estaría a esa hora, y no estaba. Subió los tres peldaños del porche y entró. Desde la sangre galopando en sus oídos le llegaban las palabras de la mujer: primero una sala azul, después una galería, una escalera alfombrada. En lo alto, dos puertas. Nadie en la primera habitación, nadie en la segunda. La puerta del salón, y entonces el puñal en la mano. la luz de los ventanales, el alto respaldo de un sillón de terciopelo verde, la cabeza del hombre en el sillón leyendo una novela. (CORTÁRZA, 1996, p. 2)

Zavala apresenta que a “Continuidad” anunciada no título é a que existe ante, ao menos, três parques, três contextos de leitura, ou seja, é o ponto de fuga pelo qual se passa de uma ficção a outra e a comunicação destas ficções são os parques. O primeiro parque sendo o imaginário que rodeia o leitor durante sua leitura do conto, o segundo parque a leitura da novela pelo homem-leitor, o terceiro parque existente no interior da novela lida, se passa com as personagens da novela. E o ambiente deste terceiro parque é bosque onde está a cabana em que os amantes se reúnem.

La continuidad que se anuncia en el título es la que existe ante al menos tres parques, es decir, tres contextos de lectura. El primer parque es el (imaginario) que rodea el lector real durante su lectura del cuento. El segundo parque es el del lector leído, por el lector real, al inicio del cuento. El tercer parque es otro, que existe en el interior de la novela que está leyendo el personaje.[...] Al tratar sobre la naturaleza laberíntica del espacio en este texto, es necesario señalar la sucesión temporal. (ZAVALA, 2006, p.194).

O encontro e a fusão das ficções compreendem, exatamente, as características que são pertinentes ao realismo mágico ou literatura fantástica. O final da história exclui qualquer certeza. O que fica subtendido é que a personagem (da novela) invade a realidade do homem leitor indo a sua direção, adentrando em sua casa com más intenções, supostamente, para tirar sua vida e que provavelmente seria o que o casal tramava no encontro da cabana.

Segundo Zavala é possível reconhecer várias vozes na novela. Para este fato o autor utiliza a seguinte representação:

$$\frac{M_N (A_N^R (A_N (N_N (L_N (N_{CP}) L_{NC}) N_{NC}) A_{NC}) A_{NC}^R) M_{NC}}{\text{NOVELA} \quad \text{MF} \quad \text{CUENTO}}$$

(ZAVALA, 2006, p. 197)

Na novela as vozes seriam: a voz da Mulher na Novela, a voz da recordação do Amante na novela, a voz do Amante na novela, a voz do Narrador da Novela e a voz do Leitor da Novela (embora essa voz não apareça de maneira explícita, o leitor-personagem, leitor da novela, homem leitor, apresenta traços comportamentais que evidenciam esse fato, por exemplo: a inquietação; o ato de segurar firme na poltrona, etc.). No plano da metafiguração há um único narrador, ou seja, o narrador que narra o conto é o mesmo que narra a novela. Já no plano do conto são apresentadas várias vozes: o Leitor da Novela no Conto, o Narrador da Novela no Conto, o Amante da Novela no Conto, a recordação do Amante da Novela no Conto, a Mulher na Novela no Conto. Por haver diferentes vozes dentro de uma única voz Zavala o denomina como um conto polifônico e com isso novelizado (ZAVALA, 2006, p.194-195).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Continuidad de los Parques* podemos observar que a evasão, o híbrido, o real e o fictício são características particulares à literatura fantástica ou realismo mágico. Fato que caracteriza o autor Júlio Cortázar como representante desta estética. Percebemos o quanto a literatura é capaz de despertar catarse ao leitor, mesmo que o hábito de leitura, como sugere o conto, seja visto como uma atividade posterior, nestes aspectos de emoção/inquietação/razão, a literatura é atemporal.

O conto em análise mostrou que além do enredo, o leitor externo pode participar diretamente da história, uma vez que a literatura não se resume a uma bula solucionadora de problemas, e seu principal papel se dá pelos questionamentos que proporcionam. Observamos que *Continuidad de los parques* é um conto intrigante, que nos questiona enquanto leitores a todo o momento. É um conto que possibilita novos olhares, novas interpretações a cerca da ficção/realidade.

REFERÊNCIAS

- BERNARDO, Gustavo. Como a ficção invade a realidade? **Revista Vestibular UERJ**, Ano 3, n. 6, 2010.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Ouro sobre Azul . Rio de Janeiro, 2006.
- CORTÁZAR, Julio. Sobre lectura. **Cuadernos Hispanoamericanos, Madri.**, ns, p.364-366, octubre-diciembre, 1980.
- CORTÁZAR, Julio. **Final de juego**. Alfaguara, 1996 .
- GONZAGA, Pedro. **A poética da minificação**: Dalton Trevisan e as ministórias de ah, é? Porto Alegre, 2007.
- LORENZO, Rocío Barros; PINO, Ana María González & HERMIDA, Mar Freire. **Curso de literatura: español lengua extranjera**. Edelsa Grupo Didascalía, S.A. Madrid, 2006.
- MOURA, S.B.P. Passeando pelos parques de Cortázar. **Revista letras**, Curitiba, nº. 66, p. 127-136, maio/ago. Editora UFPR, 2005.
- PRADO, Camilo. Uma rota de fuga- a literatura fantástica como alheamento da vida. **Desenredos**, Ano I n ° 03-Teresina-Piauí-nov/ dez.2009.
- ZAVALA, Lauro. **La minificación bajo el microscópico**. Difusión cultural – UNAM. Cidade do México, 2006.